

EDITORIAL - HABENT SUA FATA LIBELLI: OS LIVROS TÊM SEU PRÓPRIO DESTINO. E OS ARTIGOS TAMBÉM.

Elisa Mendes Vasconcelos

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

(...) Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

(...) Os antigos bem diziam: habent sua fata libelli, os livros têm seu próprio destino. Tinham razão, porque o destino dos livros está ligado ao destino dos leitores...

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: 3ª edição; Vozes, 1997, p 9-10.

Os antigos também estariam bem certos se tivessem dito que, assim como os livros, os artigos também têm seu próprio destino. Para quem faz parte do Comitê Editorial da Revista Habitus, que com a presente edição completará dez anos de existência, essa afirmativa define com exatidão o nosso trabalho de possibilitar um espaço para que os jovens escritores graduandos de Ciências Sociais tenham voz e que essa voz seja ouvida na efetiva publicação de seus artigos. Mas os artigos, como vemos no nosso trabalho, têm seu próprio destino, e nem sempre o destino caminha no sentido de possibilitar sua publicação...

A Revista Habitus visa cumprir seu papel de estimular a produção dos jovens escritores provocando o desejo de escrever e ser reconhecido. Escrever, especificamente tratando-se de graduandos, é verbo que causa temor, que nos tira o sono, que confunde nossas ideias, que desafia impelindo ao combate: aos que vencem a batalha, são seduzidos a prosseguirem na luta, a continuar a escrever, desafiando esse verbo, desafiando as palavras: de artigo a livro.

Habent sua fata libelli. Os artigos também têm seu próprio destino, porque o destino deles também está ligado ao destino dos leitores...

Ao submeter um artigo para publicação na *Revista Habitus*, o jovem autor está ciente que seu artigo percorrerá um longo processo editorial até ser aprovado ou recusado. É evidente que, ao fazer essa submissão, a expectativa imediata é que o artigo seja aprovado, mesmo que seja sob condições de modificações no texto, mas nunca que o artigo seja recusado, porque se essa fosse a expectativa certamente ele não submeteria um trabalho em vão. No entanto, até mesmo os artigos que são recusados nós não diríamos que o são em vão: pelo contrário, nós entendemos que os comentários dos pareceristas do artigo para o autor funcionam como um incentivo a que continuem escrevendo para que, futuramente, possam ter um artigo publicado na *Revista Habitus*. Além disso, como já dito, nosso objetivo é instigar o desejo de escrever: um

artigo negado não deve ser nunca lido como um fracasso, mas sim como um desafio para que prossigam aprimorando seu trabalho de lutar com as palavras.

Assim, constatamos que realmente os artigos têm seu próprio destino e que esse destino está ligado ao destino dos leitores. Primeiramente, porque os autores não sabem quem serão os pareceristas e qual a leitura que eles farão; dessa forma, negar ou aprovar também depende de um ponto de vista ligado à vista de um ponto de quem vê. Quem vê do alto vê de um jeito diferente de quem vê de baixo; quem vê do Norte vê de um jeito, quem vê do Sul, vê de outro. Em segundo lugar, porque nossa revista tem como leitores todas aquelas pessoas que acessam o nosso site em busca dos artigos que publicamos; assim também, nossos leitores virtuais são co-autores dos artigos que publicamos, já que, ao ler, eles interpretam de acordo com o mundo que habitam, tornando a compreensão dos artigos ligada ao destino desses leitores.

Após toda essa digressão, gostaríamos de convidar a todos para que sejam co-autores da *Revista Habitus*, cada um lendo e interpretando a partir de onde seus pés pisam, como nos lembraria Leonardo Boff, e, assim também, ligando o destino dos artigos que publicamos ao destino de todos os nossos leitores!

Nessa edição, anunciamos com entusiasmo a relação colaborativa que firmamos com a Revista *Ethnographic Encounters Journal*, a revista eletrônica do Departamento de Antropologia Social da *University of St. Andrews*, objetivando estabelecer trocas de saberes mútuos entre o trabalho do comitê das duas revistas separadas pelo oceano. Além disso, outra novidade é que estamos passando por mais uma renovação no Conselho Editorial, atendendo a exigência do *Qualis* de diversificar a origem institucional dos professores doutores do conselho. Para próxima edição, esperamos já ter concluído essa renovação e, com isso, poderemos informar os mais novos nomes de honrados professores que irão compor nosso Conselho Editorial.

Não poderíamos deixar de mencionar também a ótima pontuação que a nossa revista vem conseguindo obter no *Qualis*- índice definido pelo Capes que diz respeito à relevância das publicações acadêmicas em uma série de áreas. De maneira geral, esse índice avalia as revistas de pós-graduação, mas a qualidade da produção da *Revista Habitus* nos possibilitou ser inseridos também: somos pontuados como B5 em cinco quesitos, a saber, Antropologia/Arqueologia; Ciência Política e Relações Internacionais; Interdisciplinar; e Sociologia.

Após um longo período de "jejum", noticiamos que voltamos a aceitar resenhas e que não só a partir dessa edição teremos um espaço reservado para esse tipo de publicação, como também que nossas edições de agora em diante contam com capas elaboradas pelos próprios integrantes do nosso Comitê Editorial.

Nessa edição, contamos com 10 artigos. A ocupação da reitoria da Universidade Federal Fluminense foi tema do artigo *A UFF É Pra Lutar: Breve Ensaio de Uma Ocupação*, em que Ellen Fernanda Natalino Araujo, partindo de um referencial de teorias europeias dos Novos Movimentos Sociais, aborda a temática dos movimentos estudantis sob o enfoque de seus atores e práticas. Já em *Entre o Resignado e o Trágico Há o Nômade: Um Ensaio Sobre o Sentido da*

Mobilidade Entre os Guarani, Victor Alcântara e Silva reflete de forma experimental a respeito do sentido que envolve a temática da busca da Terra Sem Mal pelos índios Guarani.

A Infância Num Conflito Intergeracional se constitui num estudo exploratório acerca de uma nova concepção de infância. Tiago Grama de Oliveira explora esta “nova concepção” buscando seus elementos teóricos fundamentais em contraposição às abordagens tradicionais. Com isso, busca dialogar com novas e polêmicas construções conceituais acerca da infância e da criança enquanto um sujeito social. Por outro lado, em *A Batalha dos Direitos Autorais no Século XXI*, Guilherme de Oliveira Santos sintetiza um debate candente que deve ser objeto de cuidadosa análise, pois para o controle dos direitos autorais na internet é necessário controlar o fluxo de informação, o que ameaça severamente os direitos civis.

Andressa Nunes Soilo explora uma aproximação entre antropologia e fotografia. *A Arte da Fotografia na Antropologia: O Uso de Imagens Como Instrumentos de Pesquisa Social*, mantém uma estrutura linear com relevância na história da fotografia e o uso da imagem na área da antropologia visual. No artigo é traçado como a fotografia pode se apresentar de modo conjunto com o trabalho de campo produzindo sentidos que superam a perspectiva meramente imagética ou textual integrando significações. Já Bernardo Salgado Rodrigues e Talita Estrella Figueira Figueiredo no artigo *Colonialidade na América Latina E Descompartmentalização do Saber*, fazem uma análise sobre a transdisciplinaridade, cujo surgimento na América Latina teve como um dos pressupostos a produção de perspectivas epistemológicas e metodológicas comprometidas com a criação de uma autonomia em relação aos centros hegemônicos de poder, sobretudo europeus e norte-americanos.

A partir de um cuidadoso estudo da comunidade jogueira de São José da Serra, Debora Simões, no artigo *Ponto de Jongo: Cultura, Memórias E Identidade de Uma Comunidade Jogueira*, nos mostra como os pontos de jongo estão intimamente ligados às memórias e identidades daqueles que os expressam. Analisando o processo de patrimonialização do jongo, a autora nos leva a uma importante reflexão sobre o papel desta manifestação cultural na sociedade brasileira.

Enquanto isso, no artigo *O Plano Agache e o Rio de Janeiro: Proposta Para Uma Cidade-Jardim Desigual*, José Mendes nos apresenta ao plano urbanístico do arquiteto francês Alfred Agache, idealizado para a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX. Ao examinar este novo modelo de zoneamento da cidade, o autor contribui, sensivelmente, para a compreensão de propostas alternativas ou paralelas à segregação socioespacial carioca que foi construída ao longo do século XX. Já Camila Galan de Paula, no artigo *Revisitando Campos de Outrora: Exercícios de Comparação Etnográfica A Partir da Obra de C. Wagley e E. Galvão Sobre Os Tapirapé E Tenetehara (1940-1949)*, busca entender as relações ameríndias com os não humanos enfocando as produções textuais de Charles Wagley e Eduardo Galvão.

Fechando a seção de artigos, em *Reconhecimento do Estado Laico*, Serge Katembera Rhukuzage, partindo do conceito de reconhecimento de Charles Tylor e dos teóricos que posteriormente o discutiram, aborda questões como laicidade do Estado, limites do poder

estatal, bem como noções de liberdade.

Como já anunciado, marcando a reabertura da nossa sessão de resenhas bibliográficas, esta edição conta ainda com uma resenha do livro *Atrás dos Fatos- Dois países, Quatro décadas e Um Antropólogo*, de Clifford Geertz. Nessa resenha, Rodrigo Dias discorre sobre como Geertz lida nessa obra com a concepção de Antropologia Interpretativa, tomando como pano de fundo a sua trajetória como antropólogo.

Abordando mais uma vez a temática sobre uso de imagens na Antropologia, nossa edição conta com a participação da professora do Departamento de Antropologia da UFRJ e coordenadora do Laboratório de Antropologia Urbana (LAU), [Karina Kuschnir](#). Guaduada pela PUC-Rio em Comunicação Social e mestre e doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, a entrevistada nos falou um pouco de sua trajetória acadêmica, onde sempre manteve, em suas pesquisas, um forte vínculo com a utilização de imagens. Karina também traz um panorama da conjuntura e institucionalização do setor [Audiovisual na Antropologia](#).

Como de praxe, gostaríamos de agradecer aos professores que tornaram viável essa edição: Adriana Athila, Adriana Cristina Repelevicz de Albernaz, Ana Paula Ferreira da Silva, Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro, André de Macedo Duarte, André Filipe Santos, Andrea Barbosa, Cesar Alberto Ranqueat Jr, Eduardo Lopes Cabral Maia, Flávio Munhoz Sofiati, Heraldo de Cristo Miranda, João de Mendonça, Joceny de Deus Pinheiro, Jorge Machado, José Jaime Freitas Macedo, Leticia de Luna Freire, Lorenzo Gustavo Macagno, Luisa Elvira Belaunde, Luís Antonio Groppo, Magda Carmelita Sarat Oliveira, Marília de Francheschi Neto Domingos, Marcos Ribeiro Mesquita, Maysa Gomes Rodrigues, Natália dos Reis Cruz, Neusa Vaz e Silva, Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, Raquel Wiggers, Rita de Cássia Maria Neves, Sandra Noemi Cucurullo de Caponi, Siloé Amorim, Soraya Silveira Simões, Thaddeus Gregory Blanchette, Wilson Rogerio Penteado Jr.

Habent sua fata libelli: os livros têm seu próprio destino. E os artigos também. Boa leitura a todos!